

## CLIVADAS CANÔNICAS E INVERTIDAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: APROXIMAÇÕES E ASSIMETRIAS

### CANONIC AND INVERTED CLEFTS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: APPROXIMATIONS AND ASYMMETRIES

DAMARIS MATIAS SILVEIRA  
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
damysilveira@gmail.com

Com base no Programa Cartográfico, este artigo tem por objetivo investigar as aproximações e assimetrias entre clivadas canônicas e invertidas no português brasileiro (PB). Esse tipo de sentença é designado para focalizar constituintes sintáticos através de movimento A-barra e da presença da cópula e do complementizador *que*. As clivadas canônicas e invertidas apresentam respectivamente as sequências lineares “Cópula+Foco+*que*+IP” e “Foco+cópula+*que*+IP”. Embora os dois tipos de sentenças focalizadoras possuam diversas propriedades em comum, temos evidências suficientes para postular que tais construções não possuem a mesma estrutura de base. Essa assunção é baseada na hipótese de que a clivada canônica possui uma cópula verbal, configurando uma estrutura bioracional, enquanto as invertidas possuem uma cópula funcional e uma estrutura mono-oracional. Iremos mostrar que tais construções diferem em termos de propriedades formais da cópula, configurações de adjacência e modificação por advérbios.

**Palavras-chave:** Foco, clivadas, cartografia

Based on the Cartographic Program, this paper aims to investigate the approximations and asymmetries between canonic and inverted clefts in Brazilian Portuguese. This type of sentence is used to focus syntactic constituents through A-bar movement and the presence of a copula and the complementizer *que*. The canonic and inverted clefts have the linear sequence Copula+Focus+*que*+IP and Focus+copula+*que*+IP respectively. Although they have many properties in common, we have enough evidences to postulate that they do not have the same base structure. This assumption is based on the hypothesis that the canonic cleft has a verbal copula, being a biclausal structure, while the inverted one has a functional copula and a monoclausal structure. We will indicate that such constructions differ in terms of formal properties of the copula, adjacency configurations and modification of the copula by adverbs.

**Keywords:** Focus, clefts, cartography

Recibido: 11 agosto 2020

Aceptado: 15 octubre 2020

## 1. INTRODUÇÃO

A fim de enfatizar constituintes sintáticos, as línguas dispõem de variadas estratégias de focalização. O português brasileiro (PB) dispõe da modalização prosódica –que é o recurso mais básico de focalização, no qual o constituinte focalizado recebe o acento frasal– do movimento de constituintes e do uso de partículas focalizadoras. Entretanto, uma vez que, de acordo com Quarezemin (2011), exista uma preferência em PB pela focalização marcada via sintaxe, um recurso bastante frequente nessa língua é a focalização via clivagem.

A clivagem é uma estratégia de focalização bastante complexa, no sentido de envolver todos os demais recursos mencionados acima em um só: apresenta marcação prosódica, já que o foco é o constituinte prosodicamente mais proeminente da sentença, envolve o movimento do foco para uma posição A-barra, na qual ele é alojado e interpretado, e o uso de partículas focalizadoras, nesse caso, cópula e complementizador. Modesto (2001) define as clivadas como estruturas especificacionais –já que atribuem valor a uma variável– nas quais o foco realiza movimento não argumental, gerando leituras de contraste e exaustividade.

As clivadas do português brasileiro apresentam a sequência *cópula+foco+complementizador+IP*, esse tipo de construção é chamado de *clivada canônica* (1a). Entretanto, o constituinte clivado pode aparecer à esquerda da cópula: *FOCO+cópula+complementizador+IP*. Este segundo tipo de estrutura é amplamente denominado na literatura do PB como *clivada invertida* (1b):

1. a. É o menino que vende livros.
- b. O MENINO<sup>1</sup> é que vende livros.

Embora estudos do português europeu (PE) já tenham defendido que (1a) e (1b) sejam estruturas distintas, no sentido de apresentar evidências que mostram que as clivadas invertidas são estruturas mono-oracionais, grande parte dos estudos em torno das clivadas do PB, à exceção de Kato (2009)<sup>2</sup>, concebem clivadas canônicas e clivadas invertidas como construções de mesma estrutura de base. Neste artigo, apontaremos aproximações e assimetrias entre os dois tipos de sentenças focalizadoras, apresentando evidências que reforçam a assunção de que se trata de estruturas distintas. O estudo está assentado nos pressupostos teórico-metodológicos do programa cartográfico, que concebe as estruturas sintáticas como objetos complexos, articulados e hierárquicos.

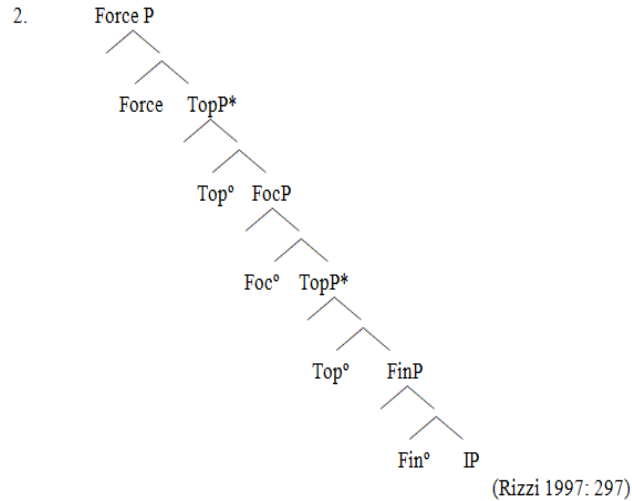
## 2. PROPRIEDADES SINTÁTICAS DAS ESTRUTURAS CLIVADAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO À LUZ DO PROGRAMA CARTOGRÁFICO

As estruturas clivadas envolvem crucialmente o sistema CP, uma vez que é nessa camada que elementos discursivos, como foco, são alojados. Rizzi (1997), num dos trabalhos fundamentais do projeto cartográfico, propõe uma estrutura complexa e hierárquica para a camada CP, com base em evidências que apontam que os elementos discursivos que ocupam

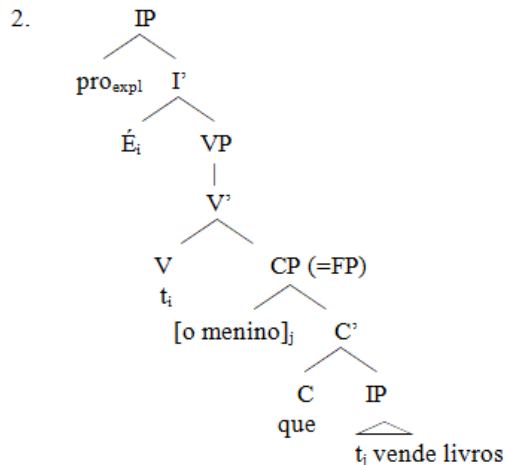
<sup>1</sup> O foco que figura na periferia esquerda matriz é comumente interpretado como contrastivo. Esse tipo de foco é representado em letras maiúsculas.

<sup>2</sup> Ver também Silveira (2020).

essa projeção apresentam uma ordem rígida. Com base nisso, o autor propõe a expansão de CP em diversas projeções articuladas:



A proposta de estrutura de clivadas da qual partiremos nesse estudo é, entretanto, anterior à proposta cartográfica de Rizzi para o CP. Mioto e Figueiredo Silva (1995) defendem que as clivadas são estruturas bioracionais, nas quais a cópula seleciona um CP clivado e, por isso, equiparado a um sintagma focal FP. Da estrutura argumental subordinada, o foco se moveria e seria alojado no especificador de FP:



Considerando, portanto, que, em Mioto e Figueiredo Silva (1995) os elementos de CP não estão representados em distribuição hierárquica, essa projeção é representada por um núcleo único. A proposta de Belletti (2012), que já inclui a periferia esquerda articulada, apresenta semelhanças com a sugestão de Mioto e Figueiredo Silva de que o CP da subordinada dessas

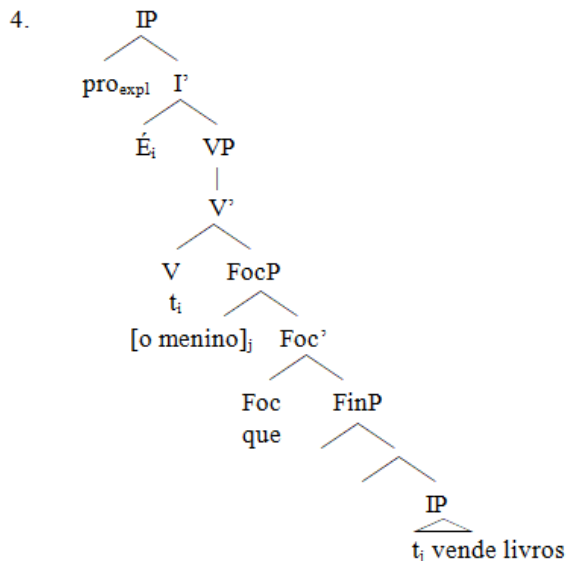
sentenças é do tipo clivado. Na estrutura proposta pela autora, O CP é mais articulado, entretanto, trata-se de uma camada truncada, pois inicia em FocP, e não em Force.

2. a. T ..... cópula [CP Force FocP ... .. [FinP que [TP S ...O/(PP)]]]]

Na análise da autora, entretanto, o complementizador é originado em Fin e se move posteriormente para Foc:

3. É [FocusP o menino **que**<sub>i</sub> [TopP [FinP t<sub>i</sub> ..... [IP vende livros]]]]

Acreditamos, porém, que, uma vez que o complementizador tenha a função de focalizar, é adequado assumir que ele se origine no núcleo da projeção focal, como proposto por Miotto e Figueiredo Silva. Partiremos, portanto, da estrutura em (3), assumindo a articulação truncada do CP proposta por Belletti (2012). Assumiremos, por outro lado, que o foco e o complementizador ocupam respectivamente o especificador e o núcleo de FocP:



Na proposta de Miotto e Figueiredo Silva, as clivadas são originadas por meio de movimento: o foco se desloca de dentro de estrutura argumental para uma posição A-barra na periferia esquerda encaixada. Isso explicaria o fato de o constituinte focalizado sempre apresentar convergência em termos de funções gramaticais com a categoria vazia referente a ele na estrutura argumental, o que justificaria a agramaticalidade de (7):

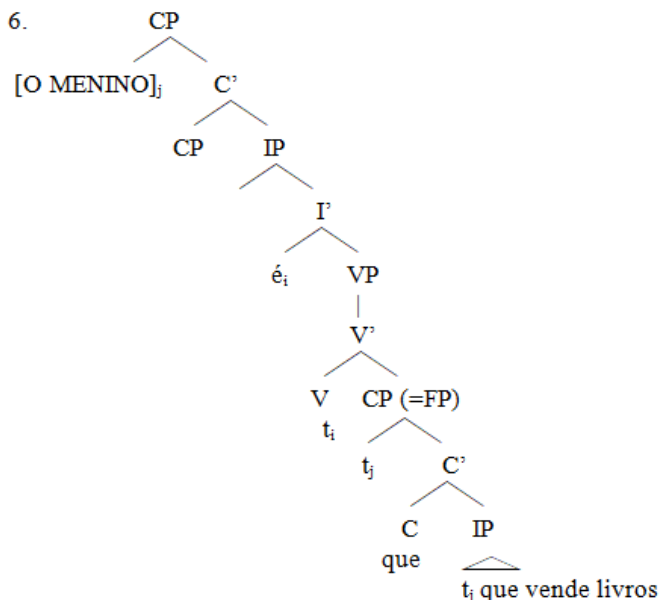
4. \*Foi estudar que eu fiz.

A proposta em (3), do mesmo modo que a de Belletti (2012), dá conta não apenas da impossibilidade de focalização de um elemento que não apresente convergência com a posição vazia relacionada ao foco na estrutura argumental, mas também do impedimento de um elemento intervir entre o foco e o complementizador:

5. \*É o menino provavelmente que vende livros.

A agramaticalidade em (8) converge com a representação proposta em (3), que apresenta o foco e o complementizador em relação Spec-núcleo, impossibilitando qualquer interpolação entre eles. Isso também sugere que o complementizador, nesse caso, figura como a lexicalização do núcleo responsável pela focalização, estabelecendo com o foco uma relação criterial (*cf.* Rizzi 2006).

Para as clivadas invertidas do PB, Modesto (2001) propõe a mesma estrutura de base das clivadas, análoga a de Mioto e Figueiredo Silva. Nas clivadas de foco inicial, segundo o autor, o constituinte focalizado realizaria um movimento adicional para a periferia esquerda da oração matriz. Com base nisso, a versão invertida de (3) seria (9):



Já Guesser e Quarezemin (2013), sob uma perspectiva cartográfica, propõem uma análise, nas bases do estudo de Belletti (2012), na qual as clivadas invertidas também são derivadas de canônicas. Na proposta dessas autoras, o complementizador é gerado em Fin<sup>o</sup>, que é extraposto para que o foco possa se mover para a periferia esquerda da matriz sem violar *Criterial Freezing* (Rizzi, 2006):

6. [CP [<sub>FocP</sub> [<sub>FocP</sub> OS meninos <FinP>] [<sub>TP</sub> foi<sub>j</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>j</sub> [<sub><FocP></sub>]] [<sub>FinP</sub> que [<sub>TP</sub> a Maria encontrou]]]] (Guesser e Quarezemin 2013: 203)

Kato (2009) sugere que clivadas canônicas e invertidas do PB não apresentam a mesma estrutura de base. As segundas seriam derivadas de clivadas apresentativas, estruturas encabeçadas por *é que*, nas quais toda a sentença é o foco. Essas construções não possuem no domínio subordinado, ou seja, abaixo de *é que*, uma projeção para alojar o foco (estreito). Assim, o foco se moveria para FP na periferia esquerda da sentença para a derivação das invertidas:

7. a. É que [ o ladrão levou [<sub>+FO</sub> meu laptop]].  
b. [<sub>FP</sub> [ O ladrão]<sub>i</sub> [ é [<sub>CP</sub> que [ t<sub>i</sub> levou o meu laptop]]]].

(Kato 2009: 382)

No caso das análises do PB que concebem clivadas canônicas e invertidas como construções com a mesma estrutura de base, ainda há de se considerar as inúmeras assimetrias existentes entre esses dois tipos de sentenças focalizadoras. Já a proposta de Kato, embora não apresente uma análise unificada para essas construções, trata a cópula das clivadas em geral como verbo. Nesse caso, ainda deve-se, entretanto, considerar as evidências que apontam para uma cópula funcional nas estruturas *é que*.

### 3. CLIVADAS CANÔNICAS E INVERTIDAS: APROXIMAÇÕES

Embora tenhamos o intuito de reforçar a ideia de que clivadas canônicas e invertidas sejam construções distintas, reconhecemos a existência de propriedades comuns entre essas sentenças. A primeira delas se manifesta na superfície, que é a presença de uma cópula e um complementizador, que operam em função da focalização, além do movimento do foco para uma posição de destaque na estrutura.

Outra propriedade comum entre essas construções diz respeito ao fato de veicularem foco estreito. Ou seja, ambas as estruturas apresentam uma camada pressuposta, partilhada previamente entre os falantes, e outra não pressuposta, que é o foco. Tanto nas clivadas canônicas quanto nas invertidas, a pressuposição é a sequência que compreende IP. A informação nova, por sua vez, encontra-se ‘ensanduichada’ entre a cópula e o complementizador, nas clivadas canônicas, e na posição anterior à cópula, no caso das invertidas.

Outro ponto de aproximação entre clivadas canônicas e invertidas são os requisitos interpretativos. Conforme mencionado na introdução deste artigo, as clivadas canônicas são estruturas focalizadoras que apresentam a sequência *cópula+foco+complementizador+IP*. Entretanto, conforme Miotto e Negrão (2007), a mera sequência não garante a leitura de clivada, uma vez que estruturas como (1a) podem ser interpretadas como sentenças que contêm uma relativa, a depender do contexto. Em resposta a (12a), a sentença seria, de fato, uma clivada, mas se responder a (13a), (1a) é uma sentença contendo uma relativa de núcleo nominal:

8. a. Quem vende livros?  
b. É o menino que vende livros.
9. a. Que menino gosta muito de ler?  
b. É o menino que vende livros.

No caso de (13), o sintagma *o menino*, que seria o foco sentencial em uma clivada, veicula informação previamente partilhada, pois está contida na pergunta. Considerando a ambiguidade de sequências como (1a), Miotto e Negrão (2007) apontam evidências que salientam diferenças de ordem prosódica, sintática e semântica entre clivadas e relativas, o que nos leva aos seguintes requisitos para uma sentença ter a interpretação de clivada:

- a) sequência *cópula+foco+complementizador+IP*;
- b) acento frasal sobre o foco;
- c) o XP foco como única informação nova da sentença;
- d) foco com funções gramaticais estabelecidas dentro do IP.

A ambiguidade abordada por Miotto e Negrão está relacionada apenas às clivadas canônicas. Entretanto, acrescentamos que a sequência *FOCO+cópula+complementizador+IP* também não é suficiente para que uma sentença seja interpretada como clivada invertida. A sentença em (14b), embora apresente essa sequência, não é uma clivada:

10. a. Fale a verdade!
- b. A verdade é que eu não gosto de você.

A sentença acima não é uma clivada porque o sintagma *A verdade*, que deveria ser o foco, também não é a informação nova da sentença. Além disso, não tem suas funções gramaticais estabelecidas no IP e, nesse caso não há uma categoria vazia relacionada a ele dentro da estrutura argumental. Prosodicamente, (14b) também é diferente de uma clivada, uma vez que apresentaria o acento frasal não sobre o foco, mas sobre a última sílaba tônica da sentença. Nesse caso, os mesmos requisitos apontados acima para as clivadas canônicas servem para as clivadas invertidas, com exceção de (a), uma vez que a sequência das invertidas apresenta o foco em posição inicial.

Clivadas canônicas e invertidas também possuem em comum a propriedade de focalizar os mesmos tipos categoriais: DPs, AdvPs, PPs, InfPs, etc.

11. a. É o menino que vende livros.
- b. É aqui que eu moro.
- c. É no Brasil que eu moro.
- d. É viajar que eu quero.
12. a. O MENINO é que vende livros.
- b. AQUI é que eu moro.
- c. NO BRASIL é que eu moro.
- d. VIAJAR é que eu quero.

Isso seria também uma evidência para outro ponto de aproximação entre clivadas canônicas e invertidas, a derivação por meio de movimento de dentro de uma estrutura argumental, onde as funções gramaticais são estabelecidas, para uma posição A-barra. Ou seja, deve haver na estrutura argumental uma categoria vazia na qual o foco se encaixa gramaticalmente, já que configura sua posição de origem. Essa propriedade, ao mesmo tempo que aproxima clivadas canônicas e invertidas, diferencia ambas as estruturas de construções pseudoclivadas, que são focalizadoras nas quais o foco tem suas funções gramaticais estabelecidas por meio de um elemento-Wh:

13. Viajar é *o que* eu faço nas férias.
14. a. \*É viajar que eu faço nas férias.
- b. \*VIAJAR é que eu faço nas férias.

Embora reconheçamos que clivadas canônicas e invertidas apresentem diversas características em comum, há de se considerar evidências que apontam para assimetrias entre

elas, o que nos leva a crer que estamos diante de diferentes estruturas de base. Aspectos informacionais e formais nos levam a crer que, no caso das clivadas invertidas, temos uma estrutura de mono-oracção e o elemento central para sustentar essa assunção é cópula e suas propriedades formais.

#### 4. CLIVADAS CANÔNICAS E INVERTIDAS: ASSIMETRIAS

No que diz respeito às clivadas invertidas, vimos que análises como as de Modesto (2001) e Guesser e Quarezemin (2013) apontam para uma mesma estrutura de base para clivadas canônicas e invertidas. Sob essa perspectiva, ainda há de se considerar assimetrias entre os dois tipos de sentença das quais uma análise unificada não dá conta, como o tipo de informação veiculada pelo foco e as propriedades flexionais da cópula, por exemplo.

Já a análise de Kato (2009), embora considere canônicas e invertidas estruturas distintas, ainda tem de dar conta das questões que envolvem a concepção da cópula como verbo que projeta uma estrutura argumental, como veremos adiante. Além disso, para traçarmos um paralelismo entre clivadas invertidas e apresentativas, ainda temos de responder pelas assimetrias que também existem entre esses dois tipos de sentença, como, por exemplo, o estatuto informacional e o tipo (largo/estrito) de foco, já que as clivadas invertidas veiculam sempre foco estreito e contrastivo e, as apresentativas, foco largo e informacional<sup>3</sup>. Assumimos, portanto, que clivadas invertidas não derivam de apresentativas. Entretanto, nosso foco, neste estudo é corroborar a hipótese da ausência de paralelismo entre as clivadas invertidas e as clivadas canônicas. Apresentaremos, na sequência, algumas evidências que reforçam essa assunção.

##### 4.1. O estatuto informacional do foco

A primeira assimetria entre os padrões de clivadas, referente à função do foco, está relacionada ao fato de os dois tipos de clivadas veicularem diferentes tipos de informação focal, a depender do tipo de sentença e da função sintática do constituinte deslocado. As clivadas canônicas do PB podem veicular mero foco de informação ou apresentar traço de contraste. Se o foco for de sujeito, a clivada canônica pode ter foco informacional ou contrastivo, mas, se for de objeto, o foco só pode ser contrastivo (*cf.* Belletti 2009, 2012; Guesser 2011a, 2011b; Guesser e Quarezemin 2013):

15. a. Quem beijou o João?  
b. Foi a Maria que beijou o João.
16. a. A Joana beijou o João.  
b. Não, foi A MARIA que beijou o João.
17. a. Quem a Maria beijou?  
b. #Foi o João que a Maria beijou.

---

<sup>3</sup> Para mais detalhes sobre a diferença entre as clivadas de foco largo e estreito com *é que*, ver também Silveira (2020), que aponta para diversas assimetrias entre esses dois tipos de sentença, indicando que o a estrutura *é que* das clivadas invertidas não pode configurar o mesmo material lexical das apresentativas.



18. a. A Maria beijo o Paulo.  
b. Não, foi o João que a Maria beijou.

As clivadas de sujeito apresentadas acima são adequadas tanto como resposta a uma interrogativa-Wh (19), contexto ideal para identificação do foco de informação, quanto em uma situação de contraste/correção (20). No caso das clivadas de objeto, embora (21b) seja uma sequência gramatical, ela não é adequada a um contexto de interrogativa-Wh, uma vez que a pergunta não requer a informação de contraste, como em (22), mas apenas a informação não pressuposta.

Já no caso das clivadas invertidas não existe a diferenciação informacional com base na função sintática do constituinte focalizado. Nesse caso, seja a clivada de sujeito ou de objeto, o foco é sempre contrastivo, já que ocupa a periferia esquerda matriz, camada comumente associada a contraste para focos. Por isso, uma clivada invertida não é uma resposta adequada a uma interrogativa-Wh:

19. a. Quem beijou o João?  
b. #A MARIA é que beijou o João.  
20. a. Quem a Maria beijou?  
b. #O JOÃO é que a Maria beijou.

#### 4.2. Cópula verbal versus cópula funcional

Outro ponto de divergência entre os dois tipos de clivadas é a cópula e suas possibilidades de concordância (Lobo 2006) <sup>4</sup>. Enquanto o verbo *ser* das clivadas canônicas apresenta concordância com o foco e convergência temporal com o verbo subordinado, nas clivadas invertidas, a cópula aparece preferencialmente na forma invariável:

21. a. Foi a Maria que abraçou o João.  
b. Foram os amigos que abraçaram o João.  
c. Fui eu que abracei o João.  
22. a. A MARIA é que abraçou o João.  
b. OS AMIGOS é que abraçaram João.  
c. EU é que abracei o João.  
23. a. A MARIA foi que abraçou o João.  
b. \*OS AMIGOS foram que abraçaram o João.  
c. \*EU fui que abracei o João.

A tendência de investigação –predominantemente voltada para as clivadas do PE– tem sido a assunção de que a cópula das clivadas canônicas projeta uma estrutura argumental enquanto a das clivadas invertidas não teria essa propriedade, pois estaria operando como focalizador, formando, juntamente com o complementizador, a estrutura cristalizada *é que*. Nessa caso, *é*

<sup>4</sup> Estudo sobre as clivadas do português europeu.

*que* nasceria diretamente em um núcleo funcional. As evidências para isso seriam a própria invariabilidade da cópula e a adjacência entre *é* e *que*:

24. \*A MARIA *é* realmente que ama o João.

Acreditamos que, de fato, não haja motivação para postular-se uma estrutura argumental para um elemento que já não apresenta as mesmas propriedades de seleção dos verbos lexicais e, no caso das clivadas invertidas, perde a flexão, característica que lhe confere o caráter verbal, adquirindo o atributo típico dos itens funcionais, que é a invariabilidade.

Não existe, entretanto, consenso na literatura sobre a posição de origem da estrutura cristalizada. Costa e Duarte (2001), Lobo (2006) e Ambar (2005) defendem que *é que* estaria alojado respectivamente em I°, C° e vP. Os primeiros apontam que, enquanto as clivadas canônicas possuem um VP copulativo que seleciona uma *small clause*, as clivadas de foco inicial<sup>5</sup> configuram uma estrutura onde *é que* lexicaliza o núcleo I, como resultado de um processo de reanálise:

25. [IP *é que* [SC [CP OP o João comeu] [DP o bolo]]]

Lobo (2006)<sup>6</sup> sugere a posição de núcleo de CP para a estrutura cristalizada *é que* pela restrição em PE de uma clivada invertida ocorrer dentro de uma subordinada adverbial<sup>7</sup>:

26. \*Se o João *é que* tocou a campainha, abre a porta. (PE)

De acordo com a autora, essa impossibilidade se deve ao fato de o complementizador *se* e a estrutura *é que* estarem competindo pela posição C°. Nesse caso, nas clivadas invertidas, a cópula e o complementizador ocupam o núcleo de CP, enquanto o foco estaria adjacente a eles, figurando no especificador da projeção:

27. [CP FOCO [*é que*] [IP...]]

Ambar (2005), além de defender que a cópula é defectiva por não possuir a propriedade de checar tempo sozinha, aponta – considerando a concordância de terceira pessoa da cópula como “concordância” zero ou “concordância *default*”, sendo que, nesse caso, IP não desempenha função alguma – que a cópula permanece em vP e, a ela, é incorporado o complementizador *que*, através de um processo de reanálise:

28. [FP o João<sub>i</sub> [IP [I' [vP *é-que* k [CP [ t<sub>k</sub> [IP t<sub>i</sub> T<sub>i</sub> k comprou o livro ]]]]]]]]

(Ambar 2005: 119)

Neste estudo, considerando que partimos da proposta cartográfica de periferia esquerda de Rizzi (1997), acreditamos que a posição mais adequada para elementos com função de focalizar

<sup>5</sup> Costa e Duarte (2001), Lobo (2006) e Ambar (2005) não utilizam a nomenclatura *Clivada Invertida*, mas *Clivada de “é que”*, o que é coerente se pensarmos que a primeira denominação nos dá a ideia de uma versão invertida das clivadas canônicas, e essa não é uma hipótese assumida em tais análises.

<sup>6</sup> Bem como Costa e Lobo (2009).

<sup>7</sup> Já o PB licencia esse tipo de sentença.

seja o núcleo do sintagma responsável pela focalização, Foc<sup>o</sup>, enquanto o foco figuraria em seu especificador:

29. [CP ...[FocP A Maria [Foc é que ... [IP ama o João]]]]

Em suma, aparentemente, o que une as análises mencionadas acima é a concepção das clivadas canônicas como construções bioracionais, enquanto as clivadas *é que* seriam mono-oracionais, uma vez que as primeiras apresentariam uma cópula verbal e as segundas cópula funcional.

### 4.3. Relações de adjacência

No que diz respeito à já referida adjacência entre *é* e *que* nas clivadas invertidas, acrescentamos que, no caso das clivadas canônicas, além do foco que já se situa entre a cópula e o complementizador, alguns advérbios podem figurar entre esses dois elementos:

30. É realmente a Maria que ama o João.

Nesse caso, se as clivadas invertidas fosse derivadas da canônicas pelo mero movimento do foco para a periferia esquerda da sentença, (28), sendo derivada de (34) por movimento, deveria ser gramatical.

As clivadas canônicas, aparentemente, apresentam relação de adjacência, mas isso ocorre entre o foco e o complementizador, o que converge com a estrutura assumida em (3), na qual foco e *que* estabelecem configuração Spec-núcleo:

31. \*É a Maria realmente que ama o João.

Já nas clivadas invertidas, o foco apresenta adjacência com a estrutura cristalizada *é que*.

32. \*A MARIA realmente é que ama o João, e não a Joana.

Isso nos sugere que, enquanto nas clivadas invertidas a estrutura cristalizada *é que* seria a lexicalização do núcleo de foco, nas clivadas canônicas, é o complementizador que desempenha essa função:

33. a. [IP É [FocP A Maria [Foc que ... [IP ama o João]

b. [FocP A MARIA [Foc é que ... [IP ama o João]

### 4.4. A Altura da cópula

Quando defendemos que clivadas canônicas e invertidas não possuem estruturas análogas, assumimos que as primeiras são uma construção bioracional e, as segundas, mono-oracionais. O fator crucial para essa assunção é que as clivadas invertidas apresentam evidências para uma cópula que opera como item funcional com função de focalizar. Nesse caso, há de se considerar que a cópula das invertidas é necessariamente mais alta que a das canônicas, ocupando uma camada que está acima da estrutura argumental.

A cartografia sintática se utiliza de testes de precedência que, a partir das determinações das hierarquias, auxiliam a determinar a altura de constituintes atingida por meio de movimento, como a posição do verbo. A sequência dos advérbios, partindo-se da hierarquia proposta por

Cinque (1999), tem sido largamente utilizada em estudos de cartografia para determinar a posição de elementos dentro da camada IP.

Como advérbios não são essenciais na estrutura argumental, Cinque postula que eles devem ser alojados na posição de especificador de uma projeção funcional do sistema IP – cujo núcleo pode estar ou não vazio – mantendo uma ordem relativamente fixa, a depender da classe semântica à qual pertencem. Através de testes de precedência e transitividade, o autor chega à seguinte hierarquia:

34. [*francamente* MoodSpeechAct > [*surpreendentemente* MoodEvaluative > [*supostamente* MoodEvidential > [*provavelmente* ModEpistemic > [*uma vez* TPast > [*então* TFuture > [*talvez* MoodIrrealis > [*necessariamente* ModNecessity > [*possivelmente* Modpossibility > [*normalmente* AspHabitual > [*finalmente* AspDelayed > [*tendencialmente* AspPre Dispositional > [*novamente* AspRepetitive(I) > [*frequentemente* AspFrequentative(I) > [*de/com gosto* ModVolition > [*rapidamente* AspCelerative(I) > [*já* TAnterior > [*não ... mais* AspTerminative > [*ainda* AspContinuative > [*sempre* AspContinuous > [*apenas* AspRetrospective > [*(dentro) em breve* AspProximative > [*brevemente* AspDurative > [(?) AspGeneric/Progressive > [*quase* AspProspective > [*repentinamente* AspInceptive(I) > [*obrigatoriamente* ModObligation > [*em vão/à toa* AspFrustrative > [(?) AspConative > [*completamente* AspSgCompletive(I) > [*tudo* AspPICompletive > [*bem* Voice > [*cedo* AspCelerative(II) > [*do nada* AspInceptive(II) > [*de novo* AspRepetitive(II) > [*frequentemente* AspFrequentative(II) >...<sup>8</sup>

Considerando que os advérbios ocupam uma posição fixa na estrutura IP em todas as línguas, que variam no que diz respeito ao pouso do verbo entre os núcleos, Tescari Neto (2016) utiliza o advérbio *já*, que ocupa uma das projeções relacionadas a tempo na hierarquia (T<sub>Anterior</sub>), como diagnóstico para a posição do verbo em português brasileiro. O autor observou que o verbo, no PB, não pode ultrapassar *já*, ao contrário do que ocorre em PE – como nos exemplos mencionados pelo autor (2016: 94), obtidos em Modesto (2000: 27):

35. a. A Maria já não come nada, não deveria fazer dieta. (PB/PE)  
b. A Maria não come já nada, não deveria fazer dieta. (\*PB/PE)

Com isso, Tescari Neto (2016) constatou que o verbo flexionado no PB não ultrapassa a projeção mais baixa relacionada a tempo na estrutura, que é T<sub>Anterior</sub>. Se aplicarmos o mesmo teste às estruturas de clivagem, o mesmo pode ser verificado, uma vez que tanto a cópula quanto o verbo subordinado não podem ultrapassar *já*:

36. a. Já é a Maria que preside a empresa.  
b. \*É já a Maria que preside a empresa.  
37. a. É a Maria que já preside a empresa.  
b. \*É a Maria que preside já a empresa.

Os dados em (40) e (41) reforçam duas propriedades das clivadas canônicas. A primeira delas é a presença de dois domínios oracionais, o da cópula e o subordinado, ou seja, duas

<sup>8</sup> Adaptado para o português por Tescari Neto (2013).

camadas IP nas quais o advérbio pode figurar. Além disso, fica evidente que a cópula das clivadas canônicas não ultrapassa os domínios da flexão, como vem sendo defendido para as clivadas invertidas. Acrescentamos ainda que, nessas estruturas, mesmo em IP, o verbo *ser* ainda ocupa uma posição baixa.

No que diz respeito às clivadas invertidas, a cópula não apresenta o mesmo comportamento. Nessas construções, o advérbio já aparece necessariamente em posição mais baixa que a cópula:

38. a. A MARIA é que já preside a empresa.  
b. \*A MARIA já é que preside a empresa.

A cópula figurar acima do advérbio já é compatível com a hipótese de que este elemento das clivadas invertidas figura em uma posição mais alta na periferia esquerda da sentença, enquanto, nas canônicas, o verbo *ser* está no domínio flexional.

#### 4.5. Negação

Mais uma evidência a favor da hipótese de que clivadas canônicas e invertidas são construções distintas são as possibilidades de negação. Com essa evidência reforçamos a ideia de que a clivadas canônicas e invertidas possuem respectivamente cópula verbal e funcional. No caso das canônicas, tanto a cópula quanto o verbo subordinado podem ser negados:

39. a. Não é a Maria que ama o João.  
b. É a Maria que não ama o João.

Ao negarmos o verbo principal, a pressuposição da clivada é afetada, que seria a de que *alguém ama o João*, passando a ser a de que *alguém não ama o João*. Já quando o advérbio opera sobre a cópula, é a informação nova que é negada e a pressuposição é mantida. Com isso, há a possibilidade de negação de duas camadas da clivada canônica.

No caso da clivada invertida, a negação só pode operar sobre o verbo principal, pois a cópula não pode ser negada:

40. a. A MARIA é que não ama o João,  
b. \*A MARIA não é que ama o João.

A impossibilidade de negação da cópula nas clivadas invertidas reforça a hipótese de que ela não está operando como verbo. Nessas construções, apenas o único verbo da estrutura pode ser negado, que é o subordinado.

#### 4.6. Modificação por outros advérbios

Ainda em direção à análise das assimetrias entre clivadas canônicas e invertidas, considerando que apenas a cópula das primeiras tem caráter verbal, observamos que, somente nessas estruturas, ela seria sensível à presença de certos advérbios com informação de tempo. O que não ocorreria com as construções clivadas invertidas.

Vimos em 4.2. que as clivadas canônicas apresentam concordância entre a cópula e o foco e harmonia temporal com o verbo subordinado, enquanto as invertidas possuem uma cópula invariável. Entretanto, o português brasileiro, mas não o europeu, licencia casos de clivadas que

não apresentam tais convergências. Aqui, nos interessa principalmente a ausência de harmonia temporal:

41. a. É a Maria que beijou o João.  
b. É a Maria que amava o João.

Entretanto, há um fator que leva a cópula a apresentar inevitavelmente a flexão de pretérito, que é a presença de advérbios e locuções adverbiais relacionadas a passado, como *ontem*, *naquela época*, etc.

42. a. \*Ontem, é a Maria que beijou o João.  
b. Ontem, foi a Maria que beijou o João.  
43. a. \*Naquela época, é a Maria que amava o João.  
b. Naquela época, era a Maria que amava o João.

A sensibilidade da cópula à presença desses elementos, ou seja, a possibilidade de modificação do verbo *ser* por meio de advérbios é mais uma evidência do seu caráter verbal nas clivadas canônicas. Isso porque elementos funcionais não deveriam sofrer modificação por advérbios, justamente como ocorre nas clivadas canônicas:

44. a. Ontem, A MARIA é que beijou o João.  
b. Naquela época, A MARIA é que amava o João.

No caso das clivadas invertidas de (48), a presença da expressão adverbial de passado em nada afeta a gramaticalidade da sentença com a cópula na forma *default é*. Na verdade, embora o PB e alguns dialetos do PE licencie clivadas invertidas com convergência temporal entre a cópula e o verbo subordinado, a forma invariável ainda é padrão, o que nos fornece indícios de seu caráter funcional e da assimetria existente entre clivadas canônicas e invertidas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos evidenciar, neste estudo, que as clivadas canônicas e invertidas do português brasileiro, embora apresentem propriedades em comum, configuram construções distintas. Enquanto as primeiras são sentenças bioracionais, que projetam dois IPs, o da cópula e o do verbo subordinado, as segundas são mono-oracionais, pois a cópula não teria estatuto de verbo nas invertidas, mas de item funcional com função de focalizar constituintes.

O que os dois tipos de sentenças focalizadoras teriam em comum seria, portanto: a presença da cópula e do complementizador; derivação via movimento A-barrado do foco; a veiculação de foco estreito; os requisitos interpretativos; a possibilidade de focalização dos mesmos tipos categoriais, o que diferencia os dois tipos de construção das sentenças pseudoclivadas.

Por outro lado, há evidências que nos levam a crer que os dois tipos de clivadas não configuram o mesmo tipo de estrutura. Clivadas canônicas e invertidas diferem nos seguintes aspectos: no estatuto informacional do foco; nas possibilidades de concordância da cópula; nas relações de adjacência dentro da estrutura; na altura da cópula; na sensibilidade da cópula à presença de advérbios.

A ideia da assimetria entre canônicas e invertidas se baseia, sobretudo, nas propriedades da cópula, que são distintas em ambos os tipos de sentença. Com isso, reiteramos que essas sentenças não são estruturas análogas que diferem apenas pelo movimento adicional do foco das invertidas para a periferia esquerda da sentença. Defendemos, portanto, que o foco realiza apenas um movimento A-barrado: no caso das canônicas, para a periferia esquerda da subordinada, e, das invertidas, para a periferia esquerda matriz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ambar, Manuela. 2005. Clefts and tense asymmetries, em Anna Maria Di Sciullo (ed.), *UG and external systems. Language, brain and computation*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins: 95-127.
- Belletti, Adriana. 2009. *Structures and strategies*, New York, Routledge.
- Belletti, Adriana. 2012. Revisiting the CP of clefts, em Günther Grewendorf e Thomas Ede Zimmermann (eds.), *Discourse and Grammar - From Sentence Types to Lexical Categories*, Berlin, Mouton de Gruyter: 91-114.
- Cinque, Guglielmo. 1999. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*, New York, Oxford University Press.
- Costa, João e Duarte, Inês. 2001. Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de vivagem em português, em Clara Correia e Anabela Gonçalves (eds.), *Actas do XVI ENAPL*, Lisboa, APL/Colibri: 627-638.
- Costa, João e Lobo, Maria. 2009. Estruturas clivadas: evidência dos dados do português europeu não standard, em *Anais do Congresso Internacional da Abralim*, João Pessoa, Ideia, 2: 3800-3806.
- Di Tullio, Ángela. 1999. Hendidas, inferenciales y presentativas, em Magnolia Troya y José Antonio Samper Padilla (Org.). *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina*, Las Palmas de Gran Canaria: 511-520.
- Guesser, Simone. 2011a. *La sintassi delle frasi cleft in portoghese brasiliano*, Tese de Doutorado, Universidade de Siena, Siena. Inedita
- Guesser, Simone. 2011b. Redução e concordância em sentenças clivadas do português brasileiro, em Rozana Reigota Naves e Heloísa Maria M. Lima-Salles (eds.), *Estudos formais da gramática das línguas naturais*, Goiânia, Cãnone Editorial: 30-45.
- Guesser, Simone e Sandra Quarezemin. 2013. Focalização, cartografia e sentenças clivadas do português brasileiro, em *Revista Linguística*, 9/1:188-208.
- Kato, Mary. 2009. Mudança de ordem e gramaticalização na evolução das estruturas de foco no português brasileiro, em *Estudos linguísticos*, 38/1:375-385.
- Lobo, Maria. 2006. Assimetrias em construções de clivagem em português: movimento vs. geração na base, em Joaquim Barbosa e Fátima Oliveira (eds.), *Actas do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL: 457-473.
- Mioto, Carlos e Maria Cristina Figueiredo Silva. 1995. Wh que = Wh é que? em *DELTA*, 11/2:301-311.
- Mioto, Carlos e Esmeralda Negrão. 2007. As sentenças clivadas não contêm uma relativa, em Ataliba Teixeira de Castilho, Maria Aparecida Torres de Morais, Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes e Sônia Maria Lazzarini Cyrino (eds.), *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*, 1ª ed., São Paulo/Campinas/FAPESP, Pontes: 159-183.
- Modesto, Marcello. 2001. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*, São Paulo, Humanitas / FFLCH / USP.
- Quarezemin, Sandra. 2011. Clivadas e focalização no Português Brasileiro, em Roberta Pires de Oliveira e Carlos Mioto (eds.), *Percursos em Teoria da Gramática*, Florianópolis, Editora da UFSC: 95-113.
- Rizzi, Luigi. 1997. The fine structure of the left periphery, em Liliane Haegeman (ed.), *Elements of grammar: a handbook of generative syntax*, Dordrecht, Kluwer: 281-337.
- Rizzi, Luigi. 2006. On the form of chains: criterial positions and ECP effects, em Norbert Ferdinand Marie Corver e Lisa Lai Schen Cheng (eds.), *Wh movement: moving on*, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press: 97-134.
- Silveira, Damaris Matias. 2020. *Foco e cartografia: aspectos formais das estruturas clivadas do português brasileiro*, Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Inedita
- Tescari Neto, Aquiles. 2013. *On verb movement in Brazilian Portuguese: a cartographic study*, Tese de Doutorado, Università Ca' Foscari, Veneza. Inedita
- Tescari Neto, Aquiles. 2016. Verb raising, the impoverishment of the verbal paradigm and the weakening of tense in BP, em *Revista do GEL*, 13:75-106.